

# A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ACADÊMICO PELA ÓTICA FEMININA: o caso do centro de artes

Anne Barbosa e Castro<sup>1</sup>  
Cristina Nascimento Barcellos Bosi<sup>2</sup>

## Resumo

As relações de poder e a maneira como elas estruturam as sociedades também se reverberam nas configurações espaciais. A consequência disso é a construção de espaços projetados por uma ótica masculina e branca, sobretudo em países colonizados. As cidades e os espaços vivenciados pelas pessoas são dinâmicos. Fazer a leitura destes espaços depende do contexto, da época e do indivíduo que os lê. Este artigo parte do pressuposto de que não existe uma neutralidade ao se projetar qualquer espaço no contexto público ou urbano. Somado a isso, há uma carência de escuta das diferentes vivências nestes locais. Para desenvolver este pensamento, foi realizado um estudo de caso do Centro de Artes do Campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Além deste recorte, também foi considerado algumas áreas do entorno da Universidade. O estudo foi feito pela perspectiva de duas mulheres, uma delas mãe. Espera-se com isso contribuir para a discussão de espaços urbanos e públicos mais acolhedores para todos.

Palavras-chave: neutralidade, centro de artes, mulheres, espaço público, urbano.

# THE PERCEPTION OF SPACE FROM THE FEMININE PERSPECTIVE: the case of the arts center

## Abstract

Power relations and the way they structure societies also reverberate in spatial configurations. The consequence of this is the construction of spaces designed by a male and white perspective, especially in colonized countries. The cities and spaces experienced by people are dynamic. Reading these spaces depends on the context, the time, and the individual who reads them. This article assumes that there is no neutrality when designing any space in the public or urban context. Added to this, there is a lack of listening to the different experiences in these places. To develop this thought, a case study was conducted at the Arts Center of the Goiabeiras Campus of the Federal University of Espírito Santo (UFES). In addition to this clipping, some areas around the university were also considered. The study was made from the perspective of two women, one of them mother. This is expected to contribute to the discussion of more welcoming urban and public spaces for all.

Keywords: neutrality, arts center, woman, public space, urban.

<sup>1</sup> Arquiteta Urbanista pela Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

<sup>2</sup> Arquiteta Urbanista pela Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

## As várias faces de um Brasil

Para uma melhor compreensão das análises é necessário explanar, mesmo que brevemente, alguns fatos sobre o Brasil. Construir cidades mais saudáveis e acolhedoras para todos e todas exige que tomemos consciência da forte hierarquização existente na nossa sociedade. Os países que foram colonizados carregam as marcas deste processo. Como afirma a Arquiteta e Urbanista Ermínia Maricato (2000) ao dissertar sobre o paradoxo existente entre alguns avanços ocorridos nas cidades brasileiras contemporâneas (como a diminuição da mortalidade inf antil) que aconteceram em paralelo com alguns males (como a violência urbana): “[...] uma sociedade de raízes coloniais, que nunca rompeu com a assimetria em relação à dominação externa e que, internamente, nunca rompeu tampouco com a dominação fundada sobre o patrimonialismo e o privilégio.” (MARICATO, 2000, p. 31). A desigualdade social no Brasil é significativa e resulta em uma nítida segregação espacial e em espaços inóspitos para muitas pessoas. A forte concentração de renda e, portanto, de poder nas mãos de poucos, conduz a espaços projetados pela perspectiva de uma parcela muito pequena da população. De acordo com a pesquisa A contribuição dos ricos para a desigualdade de renda no Brasil, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o IPEA, no ano de 2018, o Brasil tem uma das mais altas desigualdades de renda do mundo (IPEA, 2018). Em um país com uma desigualdade tão evidente, fica inviável pensar em soluções sustentáveis e inclusivas para os espaços urbanos e públicos, sem paralelamente buscarmos compreender as raízes desta desigualdade.

No livro *Gestão universitária: Os caminhos para a excelência*, os autores do primeiro capítulo (Andrea Bottoni, Edélcio de Jesus Sardano e Galileu Bonifácio da Costa Filho) afirmam o seguinte a respeito da educação de nível superior:

As acentuadas desigualdades na distribuição de renda no Brasil são determinantes para a problemática da educação, e, apesar da grande mobilização governamental com o programa Bolsa Família em favor das camadas mais pobres, em 2009, apenas 6,4 milhões de jovens encontravam-se matriculados no ensino superior, equivalente a 14,4% da população entre 18 e 24 anos (BOTTONI, COSTA FILHO, SARDANO; 2013, p. 21).

Ainda segundo Bottoni, Costa Filho e Sardano (2013), ações como o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o de Financiamento ao estudante do Ensino superior (FIES), aumentam as possibilidades de jovens carentes ingressarem no ensino superior, embora ainda sejam insuficientes. Sobretudo, interfere na permanência destes jovens o fato de que hoje, na estrutura capitalista de produção, é o mercado que mais influencia no perfil dos cursos universitários (BOTTONI, COSTA FILHO, SARDANO; 2013).

Outro aspecto fundamental é o fato de que não há uma neutralidade dos espaços (BOFILL, 2013; CORTÉS, 2008; HART, 2006). Se há uma concentração tão grande de poder, há diferença nas necessidades que geralmente são levadas em consideração ao se projetar os arranjos espaciais. De acordo com CORTES (2008): “O espaço se limita, se hierarquiza, se valoriza, se modifica, e as formas utilizadas para isso afetam a maneira pela qual se experimenta o meio urbano e o modo como o sujeito vê os outros”. (CORTES, 2008, p. 125). Ainda segundo CORTES (2008), as cidades são construídas por uma ótica masculina e os espaços são muitas vezes entendidos como desprovidos de um caráter específico, como se estes não recebessem a influência de quem os projetou. O discurso é de que os espaços são projetados de maneira heterogênea, porém continuam sendo arquitetados por homens. O patriarcado

segue no planejamento das cidades e dos espaços a serem habitados por toda uma sociedade. Sobre isso, a arquiteta e urbanista, Zaida Muxí Martínez, afirma que:

[...] na organização dominante do conhecimento, as mulheres ficaram de fora. Porque, tradicionalmente, o sujeito do pensamento, o sujeito do discurso, o sujeito da história, o sujeito do desejo é um ser masculino que se declara universal, que se proclama representante de toda humanidade. Segundo o pensamento da diferença sexual, o sujeito do conhecimento não seria um ser neutro universal, mas sexuado; e o conhecimento que esse sujeito pretendidamente universal produziu ao longo da história seria somente conhecimento masculino, conhecimento em que as mulheres não se reconhecem (MARTÍNEZ p. 70, 2006, tradução nossa)<sup>3</sup>

A esfera pública é associada ao gênero masculino, enquanto o espaço privado é relacionado à figura feminina (HART, 2006). A afirmação se refere, sobretudo, a ocupação de espaços de poder dentro da sociedade. Somente em 1932, com o decreto 21.076, após muita luta, as mulheres ganharam o direito ao voto; de acordo com os dados do Mapa Mulheres na Política de 2019, o Brasil tem uma representatividade feminina muito baixa no parlamento e ocupa a posição 134 dos 139 países pesquisados. Entretanto, vale ressaltar que as mulheres formam um grupo bastante heterogêneo (assim como os homens). Como é apontado no seguinte trecho por Siqueira (2015):

A forma como as mulheres enxergam os espaços também é influenciada pela renda, estilo de vida e etnia” (APUD. CASER; CASTRO, 2016, p. 5).

Os dados da pesquisa Retrato das desigualdades de gênero e raça, realizada pelo Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA) mostram que: *A taxa de escolarização de mulheres brancas no ensino superior é de 23,8%, enquanto, entre as mulheres negras, esta taxa é de apenas 9,9%.*” (IPEA, 2011, p. 21). Existe, portanto, a necessidade de compreender que não há uma situação de igualdade entre as mulheres.

De acordo com Cláudia Fonseca (1997), doutora em Estado de Etnologia, em Porto Alegre, no ano de 1920, houve um aumento populacional que desencadeou em algo que a autora denominou de *instabilidade do emprego masculino*. Neste período, as mulheres que passassem muito tempo em público eram malvistas (FONSECA, 1997). Entretanto, tal fato levou muitos homens a se mudarem de cidade em busca de emprego, e suas esposas, muitas vezes, não tiveram outra alternativa a não ser trabalhar para sustentar a casa (FONSECA, 1997).

Essa relação que fazemos de homem/espaço público e mulher/espaço privado também está muito ligada à relação dos indivíduos com estes espaços. As mulheres trabalhadoras daquele contexto, embora estivessem ocupando os espaços públicos, tinham que constantemente zelar pela reputação e lidar com o assédio sexual

<sup>3</sup> No original: [...] en la organización dominante del conocimiento, las mujeres hemos quedado fuera. Porque, tradicionalmente, el sujeto del pensamiento, el sujeto del discurso, el sujeto de la historia, el sujeto del deseo es un ser masculino que se declara universal, que se proclama representante de toda la humanidad. Según el pensamiento de la diferencia sexual, el sujeto del conocimiento no sería un ser neutro universal, sino sexuado; y el conocimiento que ese sujeto pretendidamente universal ha producido a lo largo de la historia sería solamente conocimiento masculino, conocimiento en el que las mujeres no nos reconocemos.

(FONSECA, 1997). Para além de casos como esse, algumas mulheres sempre ocuparam os espaços públicos, a questão é em que condições.

Influencia nessa relação também, o fato das mulheres serem menos estimuladas a frequentarem os espaços públicos (HART, 2006). Até mesmo na infância, as meninas costumam brincar em espaços mais reservados. Ver meninas brincando nos espaços públicos não é tão comum quanto ver meninos e isso é uma herança de uma cultura patriarcal. De acordo com a historiadora, Rachel Soihet (1997) durante o período da Belle Époque (1890-1920), no Brasil:

A rua simbolizava o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas, nesses novos tempo de preocupação com a moralidade como indicação de progresso e civilização. Essa exigência afigura-se impossível de ser cumprida pelas mulheres pobres que precisavam trabalhar e que para isso deviam sair às ruas à procura de possibilidades de sobrevivência (SOIHET, 1997, p. 365).

O trecho citado reforça que, embora todas as mulheres sejam atingidas de maneira negativa pelas consequências do patriarcado, a forma como isso ocorre se diferencia de acordo com o lugar que cada mulher ocupa dentro da sociedade. Somado a isso, ao analisarmos alguns dados do Mapa da violência de 2018, nos deparamos novamente com um Brasil desigual. São dados alarmantes como: a causa de morte dos homens entre 15 e 19 anos é, em sua maioria, os homicídios (56,5%); 71,5% das pessoas assassinadas no Brasil, a cada ano, são pretas ou pardas; 78,5% dos casos de violência contra a mulher ocorrem na própria residência e 68% destes casos se referem a estupros (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018). Embora as mulheres demonstrem mais medo quando interagem com os espaços públicos, o espaço privado parece representar um perigo muito maior para elas, sobretudo para as mulheres negras. Entretanto, de acordo com uma pesquisa feita pela Organização Internacional de combate à pobreza, a ActionAid, divulgada em 2016, 86% das mulheres brasileiras entrevistadas já sofreram assédio nos espaços públicos de suas cidades (ActionAid, 2016).

O medo é um dos mecanismos usados para manter as mulheres em uma posição de inferioridade. “A mulher, em razão de suas peculiaridades, compleição física, idade, e dependência econômica, está numa situação de vulnerabilidade na relação social” (LINTZ, 1987). Em outro estudo da ActionAid, sobre a segurança urbana das mulheres envolvendo 10 países, há a seguinte afirmativa a respeito da influência do medo no cotidiano das pessoas do gênero feminino:

A violência gera custos visíveis e invisíveis. Os custos visíveis incluem aqueles impostos à saúde da mulher, ao passo que um custo menos visível é o medo que impede que mulheres participem da vida cultural e política, estudem e desempenhem funções na esfera pública. (ACTIONAID, 2017, p. 8)

É importante ressaltar que, assim como no caso das mulheres, entre os homens também não há uma situação de igualdade. Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo (2018) e Jacqueline Sinhoretto (2018), ambos doutores em sociologia defendem que: a punição criminal é muito mais rígida com jovens negros e as principais causas das prisões são por roubos, furtos e tráfico de drogas. Para Sinhoretto (2014), a riqueza e a violência possuem uma distribuição desigual no Brasil. Essa desigualdade é visível quando as acusações de crime sem a presença de atos violentos levam a prisão

provisória, mas os abusos e torturas cometidos por policiais não (Sinhoretto, 2014).

Embora os fatos e dados apresentados apontem para uma perspectiva mais negativa, não podemos deixar de compreender as diversas formas de resistência que se formam nas cidades e nos espaços públicos. Como é frisado pela socióloga Sofia Aboim: “movimentos sociais como o feminista, o das classes operárias, os de direitos civis negros e os homossexuais, ajudaram na transformação dos espaços públicos e da vida pública” (ABOIM, 2012 apud CASER; CASTRO, 2016). Esses movimentos dão visibilidade aos sujeitos subalternizados, ajudam na compreensão da não neutralidade dos espaços e de como estes impactam os indivíduos de maneiras distintas. As mulheres também têm a sua significativa participação na luta pelo direito à cidade. Paola Cappellin Giuliani (1997) afirma que: “As mulheres participam dos movimentos de ocupação das terras, que eclodem com força crescente a partir de 1980, quando o país se democratiza [...]”. (GIULANI, 1997, p. 648).

Nos espaços universitários essas hierarquias e desigualdades, recorrentes no Brasil, não deixam de se manifestar. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por amostras de domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE de 2015, apenas 12% da população preta tem ensino superior. Entretanto, os negros representam 56,3% da população brasileira (IBGE, 2015). Além disso, muitas mulheres precisam enfrentar uma jornada dupla quando pretendem investir em suas vidas profissionais e isso também as coloca em uma situação de desvantagem. A arquiteta Dolores Hayden (1980) afirma que: “[...] enquanto a mulher for presa às tarefas domésticas, não conseguirá reverter a sua situação na esfera pública e enquanto não adquirir independência financeira, não mudará a sua realidade dentro das famílias”. (1980, HAYDEN apud CASER; CASTRO, 2016).

As universidades foram construídas para atender a uma parcela bastante privilegiada da sociedade e isso se reflete nos arranjos espaciais, nos usos que são dados aos edifícios e nos elementos da arquitetura que são priorizados. Segundo a Constituição de 1988, todos os brasileiros têm o direito a uma educação pública e de qualidade. Portanto, para que isso ocorra, é necessário buscar a equidade, fornecendo aos indivíduos condições para que eles consigam se manter nestes espaços. Essas condições vão muito além de mudanças no espaço físico, mas esse é um dos mecanismos utilizados para manter as hierarquias. É nesta área que o Arquiteto e Urbanista pode deixar a sua contribuição, para atenuar a profunda desigualdade ainda existente dentro do ambiente universitário.

### **A UFES e o seu entorno**

O curso de Arquitetura e Urbanismo da UFES está situado no CEMUNI III, um dos prédios do Centro de Artes (campus do bairro de Goiabeiras, Vitória). Circundado pelo manguezal, os portões de entrada encontram-se voltados para uma via arterial do bairro (Av. Fernando Ferrari). Nas proximidades da Universidade encontra-se uma região muito utilizada pelos universitários como lazer, a Rua da Lama. A região é denominada de Rua da Lama possui uma grande variedade de bares, algumas papelarias, lanchonetes e restaurantes. A Rua da Lama, embora localizada em frente ao campus de Goiabeiras, situa-se no bairro de Jardim da Penha. O campus de Goiabeiras é vizinho dos bairros de Jardim da Penha, Mata da Praia e Santa Marta (separado pela Ponte da Passagem), além de alguns bairros da Grande Goiabeiras. Jardim da Penha é um dos bairros mais populosos de Vitória e com uma das maiores porcentagens de população em idade ativa, que são as pessoas entre 15 e 65 anos (IJSN, 2012). Segundo o site da Prefeitura de Vitória, Jardim da Penha, Mata da Praia e Morada da Praia situavam-se em uma propriedade denominada

de Fazenda Mata da Praia. A região teve uma primeira tentativa de loteamento em 1928, sendo retomada em 1950 com os seus primeiros lotes vendidos para armazéns (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006).

Jardim da Penha era uma grande área verde e plana, donde era possível visualizar o Convento da Penha, o que deu origem ao seu nome. A ideia de loteamento da área ressurgiu na década de 50, mas, até então, era uma região considerada perigosa por questões naturais e pela prática da *desova* de cadáveres no local (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006). Hoje o bairro possui 7 praças e tem entre os seus principais ocupantes os estudantes universitários. Na região onde hoje encontra-se a UFES existia um clube nos anos de 1940, o Victoria Golf & Country Club, e era um dos poucos atrativos da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006).

Ainda de acordo com o site da Prefeitura de Vitória (2006), em Goiabeiras Velha, boa parte do território foi construído por meio de ocupações, essas ocupações foram o resultado da utilização do local para o despejo do lixo. O que desencadeou na formação de aterros sanitários e gerou espaços para a ocupação irregular (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006). Em uma antiga notícia do jornal A Gazeta, encontrada nos arquivos do Instituto Jones Santos Neves (IJSN), no ano de 1978, há o seguinte trecho: “Os aterros feitos para a construção de casas de madeira, pela própria prefeitura e pelo DNER [...]” (IJSN, 1978, p. 7). Na mesma página, o jornal informa que os moradores do local foram multados, enquanto a prefeitura não, o que reforça o que foi afirmado primeiramente neste artigo: há uma diferença nas necessidades que são levadas em consideração ao se projetar os espaços urbanos e públicos. Além disso, mostra a segregação espacial sendo usada como um mecanismo para se manter as desigualdades no solo capixaba. Uma vez que moradia digna é um direito de todo ser humano.

O bairro de Goiabeiras também abriga um importantíssimo patrimônio da cidade de Vitória, que é o saber envolvido na fabricação de painéis de barro. Segundo o IPHAN: “O saber envolvido na fabricação artesanal de painéis de barro foi o primeiro bem cultural registrado, pelo Iphan, como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes, em 2002.” (IPHAN, 2014). De acordo com o site da Prefeitura Municipal de Vitória (2006), o bairro de Santa Martha era antes uma grande área para pastagem, teve sua ocupação lenta e, geralmente, nas regiões mais próximas da Avenida Maruípe e da Rodovia Serafim Derenzi. Algumas das ocupações do bairro foram feitas por moradores de Vitória, que buscavam obter a posse de terras (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006). A área também recebeu pessoas vindas do interior do Espírito Santo e de locais como Rio de Janeiro e Sergipe. Algumas melhorias urbanas do local são devido à influência do quartel da polícia militar (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006).

Segundo o Site oficial da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES (2013), em 1930 surgiram os primeiros cursos de nível superior por uma iniciativa privada. Em 1955 esses cursos foram unidos em uma Universidade mantida e administrada pelo governo do Estado, que em 1961 foi transformada em uma Instituição Federal (UFES, 2013). Na UFES estão aproximadamente 1500 professores, 2 mil servidores técnicos, 19 mil alunos de graduação presencial, 1200 de graduação a distância e 3 mil alunos de pós-graduação (UFES, 2013). Os dados ajudam a expor a importância da Universidade Federal para o entorno e a nos alertar para o tamanho do seu potencial de ação no município de Vitória. José Geraldo de Souza, Doutor em educação, ao escrever sobre a evolução histórica da Universidade brasileira afirma que:

A Universidade Brasileira a ser pensada deverá estar organicamente

ligada a projetos sociais concretos, sem abrir mão de sua autonomia e de sua independência, sem afastar-se de suas finalidades básicas de ensino, pesquisa (pura, aplicada e tecnológica) e assumindo seu espaço público de construção e discussão dos fundamentos de uma sociedade livre, independente e democrática” (SOUZA, 1995, p. 57)

Portanto, para alcançar esse modelo de Universidade, torna-se necessário compreender a trajetória do nosso país, as questões estruturais, as suas hierarquias e as suas desigualdades. É importante saber o contexto em que a UFES está inserida, quais são os bairros vizinhos, quem são os frequentadores deste espaço e de que forma a Universidade está interagindo com a comunidade. Além de ser fundamental perguntar-se sobre qual é o retorno que ela está oferecendo a população e qual é a devolutiva que acredita-se que ela deva fornecer. Entretanto, vale ressaltar que a democratização das universidades não pode ser resolvida somente por elas, pois é uma questão complexa que envolve vários fatores.

### UFES e a percepção feminina pela perspectiva da maternidade

Ingressei na UFES no ano de 2005, primeiro semestre, então com 19 anos, solteira, sem filhos e com toda a vontade do mundo para experimentar essa nova etapa da minha vida. De cor parda, classe média, por toda a minha vida estudei em escolas particulares bem referenciadas. Durante o curso pré-vestibular o objetivo era estudar do outro lado da Avenida, onde, exatamente em frente, encontra-se a UFES, o que me instigava bastante: ano que vem estarei estudando do outro lado! De cara, ao iniciar o curso, percebi que enfrentaria uma nova realidade, a falta de infraestrutura do Cemuni III. As salas eram amplas, com iluminação natural e grandes janelas, porém tinha que lidar com cadeiras quebradas, pranchetas para desenho avariadas, janelas emperradas, falta de tomadas, banheiros sem papel higiênico e outras adversidades. Sinceramente aquilo me chocou, pois até então eu tive estruturas impecáveis para contribuir para meu bom desempenho escolar. No início da jornada, morava na cidade de Serra, e fazia o deslocamento casa - universidade através do transporte público. O acesso à Universidade era com transbordo de fácil acesso, atravessava-se um estacionamento e por um caminho cimentado e um pouco esburacado, com uma enorme escultura, ladeado por árvores, chega-se rapidamente ao Cemuni III, conforme figura 1.

A minha turma era majoritariamente feminina, uma vez que dos 33 estudantes que iniciaram o semestre, apenas 9 eram do sexo masculino. Apesar do curso de Arquitetura e Urbanismo ser lotado no Centro de Artes, algumas matérias eram ministradas no Centro Tecnológico (CT), na outra extremidade do Campus, onde estão concentrados os cursos de Engenharias. Desta maneira, tínhamos que nos deslocar até lá algumas vezes por semana para acompanhar tais matérias. O percurso é longo, atravessa-se outros setores da Universidade para chegar até lá, como o Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) e o Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), conforme figura 2.

Normalmente fazíamos esse percurso em forma de comboio, praticamente a turma toda junta, visto que na maioria das vezes as aulas eram em sequência após um turno cumprido no Centro de Artes. Andávamos todos tranquilos, conversando e ocupando o espaço sem nenhum tipo de preocupação, diferentemente quando estas referidas aulas eram a primeira do dia, às 7h da manhã. Nesses dias, os passos eram apressados e inquietos. A solidão no caminhar era um alerta para não se demorar e chegar seguro ao Centro Tecnológico. Apesar de estarem situados no

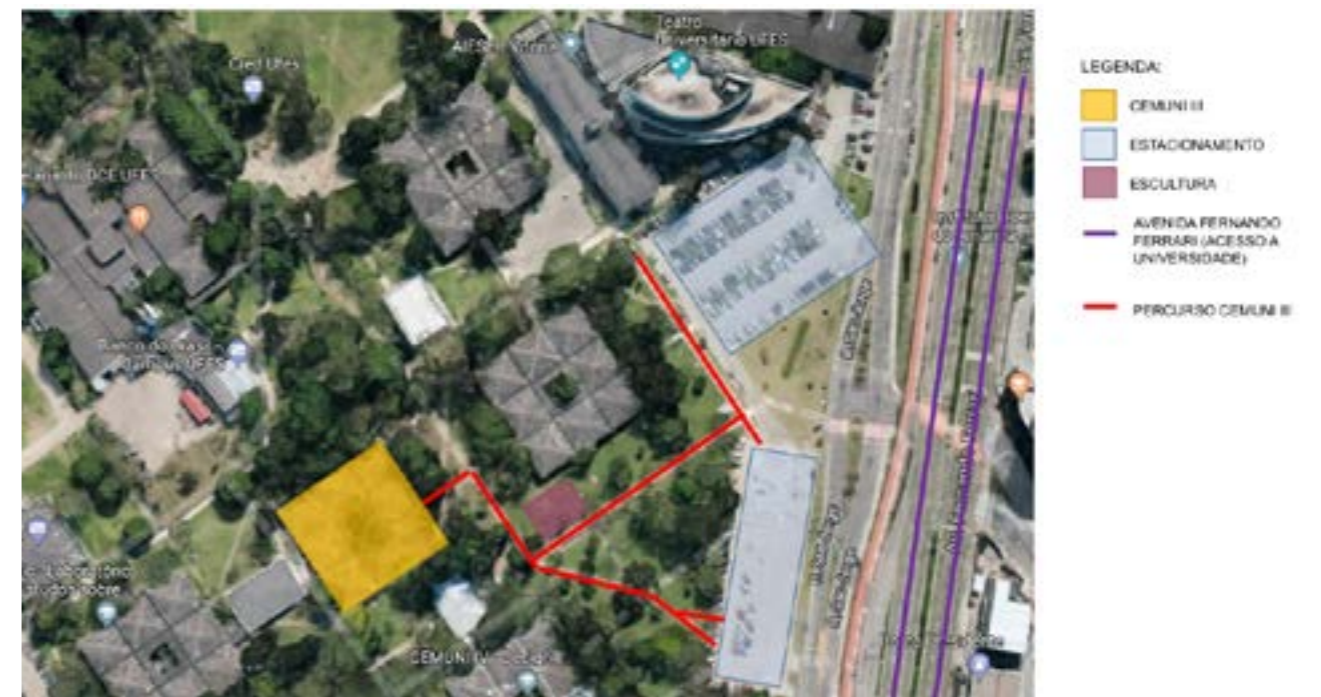


Figura 1: Mapa da Universidade e entorno. Fonte: Google Maps, modificada pela autora, 2019.  
Figura 2: Mapa da Universidade e entorno. Fonte: Google Maps, modificada pela autora, 2019.

mesmo Campus, no Centro Tecnológico a realidade era outra. Salas reformadas, cadeiras novas e confortáveis, laboratórios equipados. Eu não entendia o porquê dessas realidades tão distintas, e apesar do percurso ser longo, desejava que o curso de Arquitetura e Urbanismo estivesse lotado no Centro Tecnológico, e não no Centro de Artes.

O Cemuni III era um prédio acolhedor, contando somente com pavimento térreo e, na entrada, havia um deck de madeira, que sempre estava ocupado pelos estudantes do curso. Adentrando esse espaço, havia uma cantina e o CALAU (Centro Acadêmico Livre de Arquitetura e Urbanismo), uma espécie de lounge alternativo onde alguns estudantes usavam para se reunir, debater assuntos sobre o curso, descansar no velho sofá e guardar alguns materiais que não queríamos levar de volta pra casa, afinal de contas passávamos o dia inteiro ali.



Ademais, dentro das dependências do Cemuni III, existe um grande pátio, com escadas e as salas de aula à sua volta. Não bastasse, há excelente iluminação e ventilação natural. O encontro, as conversas, o conviver é espontâneo e inerente a este local. As salas são amplas e com grandes janelas voltadas para o pátio, de forma que, mesmo quem esteja de passagem, consegue apreciar o referido espaço. As janelas dão para o exterior da edificação e têm vista para os amplos gramados, que separam os prédios do Centro de Artes. E foi assim, vivenciando esse espaço, interagindo com outros ambientes do Campi, que me graduei em 2013.

O desejo de seguir uma carreira acadêmica sempre me perseguiu, mas condições financeiras adversas me impediram de seguir nessa jornada após a conclusão do curso. Ao final do ano de 2018, decidi que era hora de retomar esse antigo projeto. Assim, me dirigi ao Campus de Goiabeiras para buscar informações acerca do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e visitar o Cemuni III.

O cenário está modificado, são 6 anos longe dali. Novos prédios fazem parte do Centro de Artes, como, por exemplo, o prédio do Mestrado e uma edificação sem uso ao lado do Cemuni III, que descobri, posteriormente, que foi construído para ser uma cantina, porém, algum tempo depois, o espaço foi desativado. Novos caminhos foram construídos, entretanto, o passeio para se chegar ao Cemuni III, continua o mesmo. O velho calçamento cimentado e esburacado pelo tempo, sem manutenção e ladeado por árvores.

De longe, avistei que o deck na frente da edificação foi desmanchado, adentro, a cantina também não existia mais, dando lugar a grandes mesas onde alunos se reúnem com seus notebooks para a realização de trabalhos estudantis. O pátio continua o mesmo, agora com um balanço. Percebo um ar de desconfiança. Em observações na frente do Cemuni III, mulheres sozinhas estão somente de passagem, com passos apressados e firmes; mulheres acompanhadas de outras mulheres andam com mais calma, porém a todo momento observando ao redor, atentas a um possível perigo



Figura 4 : Bosque atrás do prédio do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo a noite – Fonte: Acervo pessoal, 2019.

iminente. Com o final do dia fica mais raro encontrar pessoas desacompanhadas, e as que se aventuram sozinhas, entram rapidamente em seus carros para ir embora. As pessoas que chegam, apertam o passo para alcançar rapidamente locais mais iluminados, uma vez que as árvores do Centro de Artes tornam o ambiente sombrio e deveras perigoso durante a noite.

A cantina desativada é amplamente evitada por todos. Quem quer chegar a alguma outra edificação do Centro de Artes prefere rodear o prédio de Arquitetura, passando por dentro do mesmo, ou utilizar caminhos secundários. O caminho construído próximo ao prédio do Mestrado em Arquitetura é bem largo e com postes de iluminação, porém um bosque repleto de árvores, situado atrás do mesmo, faz com que esse caminho seja evitado e, ainda que ele desemboque numa saída com faixa de pedestres e ponto de ônibus em frente, as pessoas preferem a saída do estacionamento, por ser aberta e com campo de visualização amplo.

Eu também não sou mais a mesma. Agora com 32 anos, casada, e com uma filha de 3 anos de idade e morando em outra cidade, separada por uma ponte de 3km da cidade de Vitória. Volto a este ambiente com outro olhar. Como fazer parte dele? Como ser incluída? Será que a Universidade está preparada para todas as diferentes mulheres que compartilham do seu espaço?

Decido matricular-me como aluna especial em uma disciplina do mestrado. Para conciliar o horário das aulas com os cuidados da minha filha, que frequenta a escola no horário vespertino, tentei me matricular na matéria com horário de aula ministrada à tarde. Me deparo com o primeiro empecilho. Fui inserida na turma com aula de 8 às 12h, terça-feira, dia que ela frequenta a natação pela manhã. Como faço para conciliar os horários? Impossível não recordar o artigo de Zaida:

A política do tempo e os horários é outra complicação. Combinar horários de escolas, atividades extra escolares e um trabalho na esfera produtiva requer um grande esforço quando a abdicação

das próprias aspirações pessoais e profissionais das mulheres.”  
(MARTÍNEZ, 2006, tradução nossa)<sup>4</sup>

Sem pestanejar, aceitei o desafio e iniciei o semestre. Ter uma rede de apoio foi fundamental para conseguir frequentar as aulas e realizar as atividades solicitadas pela disciplina. No decorrer do semestre ocorrem situações extremas, em que minha rede de apoio (marido, mãe e sogra) não estava disponível e então eu tinha a seguinte situação: eu comparecia à Universidade e levava uma criança de 3 anos de idade para a sala de aula, ou então eu faltava. Nas duas vezes em que isso ocorreu, fiquei com a segunda opção.

No regresso à Universidade, percebi o quão difícil torna-se para a mulher conseguir conciliar suas metas com o papel de mãe. O simples fato de ler um texto para a próxima aula torna-se uma aventura, um objetivo quase que inalcançável, muitas vezes desacreditado e quase sempre conseguido somente após todos dormirem, com a casa em silêncio, no varar da madrugada. Passar por toda essa situação me fez pensar: como as mulheres mães conseguem manter uma carreira de pesquisadora? Como conciliar ser mãe e concluir um mestrado? Como produzir de maneira intensa e colaborativa para a sociedade nesta situação? De que maneira posso contribuir para que as pesquisas realizadas dentro da Universidade realmente se efetivem e tenham uso para toda a população? Ir além do pesquisar por pesquisar.

Em minhas buscas, deparo-me com um projeto de pesquisa chamado Parent in Science, iniciado e coordenado pela Dr<sup>a</sup> Fernanda Staniscuaski, atual Professora do Departamento de Biologia Molecular e Biotecnologia da UFRGS que:

Surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a maternidade (e paternidade!) dentro do universo da ciência do Brasil. Iniciamos nossas ações para preencher um vazio, de dados e de conhecimento, sobre uma questão fundamental: o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens (PARENT IN SCIENCE, 2019).

Os resultados obtidos através da pesquisa desse grupo foram fundamentais para que uma significativa mudança acontecesse no cenário de pesquisadores. O CNPq adotou no ano de 2019, através da Plataforma Lattes, a opção de inserir período de licença maternidade, uma vez que, conforme demonstrado pela pesquisa, nessa fase da vida é comum haver uma queda da produtividade, acarretando em vários casos, como perda de bolsa de estudos, por exemplo. Ao entrar em contato com a Dr<sup>a</sup> Fernanda, a mesma informou-me que seus dados da pesquisa ainda não foram publicados. Desta maneira, apresentou os resultados em caráter preliminar.

Isso deu-me forças para continuar. Estudar sobre seu projeto e verificar que não estou sozinha fez-me acreditar que é possível driblar a falta de empatia com nós mães, a escassez de tempo, e o impacto que a maternidade traz na vida acadêmica das mulheres, sejam elas graduandas, pós graduandas ou pesquisadoras.

A Universidade ainda não é para todas. Porém, com algumas medidas simples, podemos transformar a atual realidade. No caso do Centro de Artes da UFES, manutenção nos passeios, melhoria da iluminação, poda de árvores, para que os percursos sejam mais seguros, são algumas alternativas. Adaptação dos prédios,

<sup>4</sup> No original: La política del tiempo y los horarios es otra complicación. Compaginar horarios de colegios, actividades extraescolares y un trabajo en la esfera productiva requiere un gran esfuerzo cuando no la claudicación de las propias aspiraciones personales y profesionales de las mujeres.

para que possam receber alunas em período de gestação, puérperas e em período de amamentação, como banheiros com apoio de fraldário, chuveiro ou duchas, facilitariam muito a vida destas mulheres, que não precisariam desistir do sonho do nível superior em detrimento da sua realidade de mãe. A longo prazo o cenário não é de todo desanimador. Em algumas Universidades como, por exemplo, a Universidade de Brasília (UnB), as alunas se uniram e criaram a Rede Voa UnB, um projeto para integrar mães e crianças à Universidade, como rede de apoio infantil para a permanência universitária. Juntas somos mais fortes, por um acesso justo e permanente à Universidade.

### UFES e a percepção feminina

Tenho 27 anos, ingressei em arquitetura na UFES no ano de 2012, com 21 anos. Cursei boa parte do meu ensino médio e fundamental em escolas públicas. Venho de uma família de classe C, sou filha de pais separados e morava com minha mãe, pessoa que foi responsável pela maior parte da despesa de seus filhos. Nos primeiros anos como universitária eu mantinha uma relação muito diferente com o espaço do Centro de Artes e dos prédios pelos quais eu transitava. Sobre essa mudança de relação com o espaço, acho relevante para este artigo destacar: a somatização de momentos de muita pressão que os universitários acabam enfrentando e uma mudança que observei no espaço físico.



Figura 5: Alunos participando de uma Assembleia no Cemuni III. Fonte: Facebook do Calau. Ano, 2014.

Quanto a somatização de momentos de pressão, gostaria de destacar que há entre os estudantes de Arquitetura e Urbanismo, um hábito de virar noites seguidas para terminar os projetos solicitados pelos professores. Os estudantes de Arquitetura possuem práticas que são extremamente nocivas à saúde mental e física. As pessoas precisam dos momentos de pausa, de uma alimentação adequada, de noites tranquilas de sono, de momentos de lazer, afinal de contas, nós não somos máquinas.

Quanto ao espaço físico, a configuração espacial dos prédios do Centro de Artes é a que mais me desperta uma sensação de acolhimento dentro da UFES. Os Cemunis são um volume quadrado com um vão quadrilátero no centro, um átrio rebaixado e sem cobertura. Alguns degraus de escada dão acesso até o átrio, que é muito usado pelos alunos. Como ilustra a figura 5.

Além disso, o CEMUNI é cercado por generosas esquadrias de vidro e suas salas são todas localizadas nas extremidades da planta. O que resulta em um pátio que presenteia os usuários da edificação com uma significativa ventilação e iluminação natural, cercado por corredores amplos e acolhedores.

Já os prédios da Engenharia, localizados no Centro Tecnológico, embora recebessem um investimento financeiro muito maior, nunca causaram-me a mesma sensação de acolhimento que os CEMUNIS. Um dos prédios em que eu tive aulas possuía um extenso e estreito corredor, paredes brancas, pouca visibilidade para a paisagem exterior, poucas pessoas vivenciando o espaço da forma que eu observava nos CEMUNIS. Eu achava aquele ambiente muito mais duro, me sentia presa, era como se ali fosse apenas um local para estudos.

Entretanto, um espaço não se torna acolhedor apenas por modificações físicas. São as pessoas e as suas maneiras de se relacionar com o entorno que dão vida ao local! Torna-se importante mencionar a falta de manutenção que é recorrente no ambiente do CEMUNI III, assim como alguns outros problemas de infraestrutura que precisam ser sanados.

Figura 6: Mapa de locais por onde passo no trajeto casa x UFES. Fonte: Google Maps, alterado pelo autor, 2019.



Ao analisar o meu deslocamento nos últimos anos da faculdade, ainda deparo-me com outros problemas inerentes à cidade, que podem ser apontados como barreiras para uma mulher. Nos últimos anos morei no bairro de Goiabeiras, bem próximo à UFES. Apesar das vantagens que existem em se morar próximo ao seu ambiente de estudo, com o intuito de economizar, eu muitas vezes optava por ir à UFES a pé. Para isso, é necessário passar pela Avenida Fernando Ferrari, uma importante via arterial da cidade em que os carros passam em alta velocidade e o fluxo é intenso.

Durante a manhã este é um trajeto que considero tranquilo, mas durante a noite me causa uma enorme insegurança. Para auxiliar na descrição de alguns pontos que considero relevantes do trajeto que fazia, e ainda faço para ir à UFES, utilizei como recurso o mapa 06.

Selecionei 4 trechos do trajeto (1, 2, 3 e 4) que me despertam medo ou insegurança.

Ponto 1: encontra-se próximo à intersecção entre a Avenida Fernando Ferrari e a rua das paneleiras. Trata-se de um lote vazio, escondido por uma construção antiga, cercado por dois lados pelo mangue e tangenciado pela rua das paneleiras (que leva até o Galpão das Paneleiras, ponto turístico muito importante de Vitória). Passar pelo local me deixa um pouco insegura, mesmo pela manhã. A área deveria receber um maior investimento, uma vez que tornaria a rua de acesso ao Galpão das Paneleiras mais convidativa, mas, como pode ser visto na foto, isso não é feito.



Figura 7: Lote vazio que antecede a rua das paneleiras, o lote é tangenciado por essa construção e é um ponto que durante a noite também me causa insegurança. Esse ponto é voltado para o mangue de Goiabeiras, área verde de enorme potencial paisagístico. Fonte: Acervo pessoal, 2019.



Figura 8: Trecho da Fernando Ferrari ligando o restante do bairro de Goiabeiras a UFES. Ao lado esquerdo temos uma via arterial de fluxo intenso e com duas vias. Ao lado direito temos uma densa vegetação. Fonte: Acervo pessoal, 2019.



Com relação ao ponto 4: Localizado na terceira entrada da UFES, para pedestres, em frente ao famoso Bar do Mãozinha, local muito frequentado pelos estudantes da Universidade. Assim como nos casos anteriores, o caminho que conduz os pedestres desta entrada ao Cemuni III tem alguns trechos nada seguros. Possui uma iluminação precária e é cercado por grandes árvores. Como ilustra a figura 10.

Ali já aconteceram, além de casos de assédio, tentativas de estupro (SITE DO G1, 2016). Apesar disso, assim como no caso do trecho da Avenida Fernando Ferrari, durante a manhã este caminho é acolhedor e agradável para mim. Gosto de passar por ali, pois faz sombra, é fresco e tem cheiro de plantas.

Ao adentrar o espaço do Cemuni III, nos deparamos com o problema de salas insuficientes para os alunos fazerem os seus projetos, além de uma carência de

Com relação ao ponto 2: Aqui refiro-me ao trecho por onde passa uma ciclovia, e tem um ponto de ônibus instalado. O trecho é cercado, de um lado por uma densa vegetação e, do outro, pela via arterial Avenida Fernando Ferrari. Essa configuração do espaço, para nós mulheres, causa um medo ainda maior e, se não fosse pelo ponto de ônibus, o trecho estaria quase sempre vazio. No nosso campo de visão não avistamos ninguém para quem seria possível pedir por socorro. Além do medo, também é comum ver mulheres sofrendo assédio nesta região. Entretanto, essa sensação de insegurança só surge em mim quando passo pela área durante a noite. Se transito por ali pela manhã, o passeio é inclusive mais agradável, em virtude da presença da densa vegetação. Algumas das questões apontadas acima podem ser percebidas por meio da figura 08.

Com relação ao ponto 3: Esse ponto se refere à área de entrada para automóveis da UFES. Outro local que não fornece uma sensação de segurança, muito menos para mulheres. Nos deparamos com alguns trechos onde a cerca que divide a área das grandes árvores e da ciclovia não está mais lá, formando uma pequena entrada para o mangue, cercada de uma área onde prevalecem os veículos. A sensação é, novamente, de insegurança e vulnerabilidade em determinados horários do dia. A figura 09 ilustra um pouco desta perspectiva.



Figura 10: Caminho que começa em uma das entradas para pessoas da UFES. Trecho onde uma mulher sofreu uma tentativa de estupro. Fonte: Site G1, 2019.

espaços de vivência no Centro de Artes. A Arquiteta e Urbanista, Raquel Rolnik, defende que:

Nesse sentido, quando a cidade se transforma em um lugar absolutamente inóspito, sem qualquer possibilidade de prazer, ao invés de um lugar onde as pessoas se sintam inseridas na harmonia de uma comunidade urbana, o lazer estará restrito a espaços e tempos determinados. Essa situação agrava-se ainda mais porque não se vive o lazer de forma abrangente, como uma ideia de prazer percorrendo o cotidiano, inclusive o tempo de trabalho e o dedicado às atividades necessárias para sobrevivência (ROLNIK, 2000, p. 1).

O excerto nos leva a refletir que é inviável pensar em produzir cidades e espaços públicos saudáveis e acolhedores sem proporcionar aos seus usuários elementos que possibilitem um momento de pausa, de encontro ou descontração. A vida universitária sem esses fatores contribui na formação de jovens depressivos e ansiosos, e pessoas adoecidas podem ter dificuldades para pensar em espaços saudáveis. Alguns alunos buscam formas de burlar essa lógica e tentam promover o encontro dentro do ambiente universitário.

No caso do CEMUNI III, há uma festa tradicional que os alunos de Arquitetura chamam de Pizzada. Os próprios alunos construíram ao lado do prédio um fornilho e a pizza é feita pelos próprios e compartilhada com todos. Além da Pizzada, também aconteciam as calouradas de Arquitetura dentro do prédio. Esses momentos foram fundamentais para que eu conseguisse criar fortes vínculos de amizade, da mesma forma que foram fundamentais para que eu tivesse forças para concluir a graduação. Nessas festas era comum interagir, inclusive com pessoas de outros cursos ou com aqueles que simplesmente frequentavam a UFES.

Outro fator de forte influência na minha alteração da percepção do Centro de Artes foi a retirada da cantina. Esse local promovia o encontro entre diferentes pessoas. Os alunos usavam a cantina para fazer uma pausa entre os intervalos das aulas,



interagir, trocar experiências, tocar instrumentos e, às vezes, até para estudar. A movimentação de pessoas também me trazia uma sensação de mais segurança, uma vez que sempre via rostos conhecidos ao passar por ali. Essa movimentação mais intensa também levava a um maior número de estudantes que vendiam alguns alimentos para complementar a renda, uma vez que ali era um ponto de encontro.

A percepção que tenho dos últimos anos que fui universitária é a de que há a exigência de criar alunos que produzam muito, mas a Universidade não oferece condições para essa larga empreitada. O objetivo parece ser produção, a UFES virou para mim um lugar de estudar, ficou denso. Para além disso, até que ponto é necessário que pessoas produzam de forma cada vez mais intensa? Ou melhor, a quem essa forma de pensar e de vivenciar a Universidade beneficia?

A falta de infraestrutura também prejudica a interação entre os estudantes. Algumas salas do CEMUNI III eram usadas para produção acadêmica fora dos horários de aula. Ali as produções eram feitas de maneira mais leve, com música, interação, conversa e uma rede de ajuda que acabava se formando. Entretanto, com o passar dos anos essas salas passaram a ser trancadas fora do período de aula.

Acredito que as Universidades devem ser acolhedoras para todos (incluindo os não universitários). A solução para manter a segurança do campus não deveria ser simplesmente colocar policiais militares para atuarem ali, como aconteceu. Mas realizar transformações no espaço, nos usos que são dados para ele e nas atividades culturais. Uma iluminação adequada, a construção de espaços de permanência e a reativação das cantinas já fariam diferença. Promover o encontro de pessoas diferentes é saudável e construtivo. Como afirma Raquel Rolnik no seguinte trecho:

O milagre da cidade se produz quando o homem, além de sua vida privada, de sua existência enquanto ser natural ou parte da natureza, cria uma espécie de segunda vida, uma espécie de bios político ou ser político que se concretiza vivendo em conjunto com outras pessoas (ROLNIK, 2000, p. 3).

Concluo afirmando que, enquanto mulher, vivenciar as várias experiências que as Universidades nos oferecem foi transformador. Não só pelos conhecimentos adquiridos na grade curricular, mas pelas rodas de conversa, aulas de yoga, danças de forró, maratonas de ping-pong, exibição de vídeos, discussões, aulas públicas, palestras e reuniões que aconteciam muitas vezes no próprio átrio do Cemuni III. Vivenciar os espaços também é uma forma de aprender Arquitetura. Um Arquiteto é um profissional que, dentre outras coisas, organiza os espaços em diferentes escalas para facilitar e tornar mais agradável a vida das pessoas que o frequentam. E de que adianta tanta produção acadêmica se a gente não sabe desfrutar dos espaços? Como um arquiteto pode projetar um espaço acolhedor se ele não entende, na prática, o que é se sentir acolhido por um espaço? O importante pedagogo brasileiro, Paulo Freire, resume bem esse pensamento no trecho a seguir:

Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu

mal-estar na passagem dos dias e dos anos. (FREIRE, 1993) p. 79-80).

A formação de Arquiteto e Urbanista, portanto, sofre forte interferência de nossas vivências e a nossa atuação enquanto profissional não é diferente. Para construirmos espaços mais inclusivos e acolhedores é necessário abraçar as várias perspectivas da cidade. Não somente nos colocando em um papel de escuta, mas dando aos sujeitos dessas narrativas subalternizadas ao longo da história, poder para realizar alguma transformação. Sendo, entretanto, essa uma tarefa de enorme complexidade e que não cabe, nem deve caber, apenas aos Arquitetos e Arquitetas, mas que deve ser estudada e investigada por nós com muita seriedade. Precisamos nos atentar para quais são os profissionais que não estamos estudando na academia e por qual motivo. É fundamental nos questionarmos sobre até que ponto as escolas de Arquitetura levam em consideração as questões estruturantes da nossa sociedade ao pensar na sua grade curricular. Sobretudo, é necessário se aprofundar sobre quais são os possíveis mecanismos de fuga que os Arquitetos podem utilizar para fugir dessa produção de cidade hostil pra muitos.

Conclui-se desta maneira que, pela ótica feminina, a Universidade constitui-se como um espaço predominantemente patriarcal, com valores e pensamentos enraizados e por diversas vezes difíceis de serem modificados. Uma grade curricular rígida como a que enfrentamos na UFES, tem se mostrado cada vez mais como agente desgastante do estudante (psicologicamente e fisicamente), não o preparando para o mercado de trabalho, uma vez que a grade curricular não contempla estágio supervisionado, não acolhendo alunos oriundo do sistema de cotas, em que, em quase sua totalidade precisam trabalhar para garantir sua sobrevivência, o que se torna extremamente difícil com um curso em horário integral. Espera-se que a Universidade evolua, reconheça os novos atores que fazem parte dessa realidade, que possa colocar a mulher em voga, reforçando seu valor na sociedade. Para tanto, os relatos, dados coletados e algumas sugestões de medidas já citadas ao longo deste artigo, podem servir de base para que se aprofunde o tema, para que se possa transformar o espaço acadêmico, com relações mais heterogêneas, num local mais justo e acolhedor para todos.

## Referências bibliográficas

A GAZETA, Moradores do lixão reclamam de multa, 1978. c 1-2, p.7. In: *Anais eletrônicos...Instituto Jones Santos Neves (IJSN)*. Disponível em: </ConteudoDigital/20170317\_aj19210\_bairro\_goiabeiras\_vitoria.pdf>

ABOIN, Sofia. *Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna*. Estudos feministas, Florianópolis, v.20, n.1, p. 95-117, jan. 2012.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli; SINHORETTO, Jacqueline. Encarceramento e desencarceramento no Brasil, a mentalidade punitiva em ação. In: *Encontro anual ANPOCS*, 2018, Minas Gerais. Anais eletrônicos...disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt21-25/11289-encarceramento-e-desencarceramento-no-brasil-a-mentalidade-punitiva-em-acao/file>>

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 94 p.

BOFILL, Anna. *El derecho de las mujeres a la ciudad: una retrospectiva*. In: Seminário de Barcelona, 2013, Barcelona. Anais eletrônicos...Barcelona: UrbanIN, 2013.

Disponível em: <[https://urbanismeinclusiu.files.wordpress.com/2013/03/el-derecho-de-las-mujeres-a-la-ciudad\\_anna-bofill.pdf](https://urbanismeinclusiu.files.wordpress.com/2013/03/el-derecho-de-las-mujeres-a-la-ciudad_anna-bofill.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BOTONNI, Andrea; COSTA FILHO, Galileu Bonifácio da; SARDANO, Edécio de Jesus da. Uma breve história da universidade no Brasil: de Dom João a Lula e os desafios atuais. In: COLOMBO, Sonia Simões (org.). *Gestão universitária: os caminhos para a excelência*. Penso, 2013. 20-38.

CASER, Karla do Carmo; CASTRO, Anne Barbosa e. *Gênero e arranjos espaciais em arquitetura e urbanismo*. Jornada de iniciação científica UFES, 2016.

MARTÍNEZ, Zaida Muxí. *Ciudad Próxima*. Urbanismo sin género. I.T. Nº 75. 2006

LINTZ, Sebastião. *O crime, a violência e a pena*. São Paulo: Julex, 1987